



**Refuncionalização de espaços através de sistemas agroflorestais:
um estudo de caso a partir de agroflorestas urbanas no
campus da cidade universitária da UFRJ, Ilha do Fundão**

*Refunctionalization of spaces through agroforestry system: one case study
starting in urban agroforestry in university city campus of UFRJ, Fundão island*

MACIEL, Rodrigo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, rodrigomaciel94@gmail.com

Tema gerador: Agroecologia e Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo

Dentro do campus da cidade universitária da UFRJ, ilha do fundão, existem diversos grupos, espaços e iniciativas agroecológicas. Esses espaços destinados à uma divulgação dos ideais da permacultura e estreitamento da relação do homem e seu alimento, são apropriados para outras funções que se fixam consequentemente nesse recorte. O objetivo desse trabalho é expor quais grupos se apropriam desses espaços, quais são os tipos de uso e o por que da escolha das agroflorestas. Os recortes espaciais mais observados foram; Geomata e LaVAPer, durante o recorte temporal de Janeiro à Abril de 2017. Foram entrevistados membros dos projetos agroecológicos e visitantes desses espaços. A diversidade de indivíduos que se apropriam desses espaços é distinta, mostrando particularidades e como a expositividade, visibilidade e acessibilidade são elementos importantes na produção de um espaço. Elucidando essas relações existentes nesses sistemas agroflorestais, vemos a amplitude de significados que a agricultura urbana traz para o meio, muito além das funções previamente estabelecidas. Produzindo espaços distintos, entretanto, com a atribuição de funções em comum pelos seus diversos visitantes que ali transitam e através de suas ações, carregadas de intenções, constroem um lugar.

Palavras-chaves: espaço, agrofloresta, função, agricultura, urbana

Abstract

Inside the Federal University of Rio de Janeiro, Ilha do Fundão, there are several groups, spaces and agroecological initiatives. These spaces, besides being intended for the dissemination of permaculture ideals and the proximity between the man and his food, are appropriate to other functions that are attached to this space. The main purpose of this work is to explain how these groups appropriate these spaces, what types of use are associated and what motivated the choice of agroforestry. The object chosen for the study was GEOMATA and LaVAPer between the period of January 2017 and April 2017. During the work, interviewed was conducted members of the agroecological projects and visitants. The diversity of the individuals appropriating these spaces is distinct showing how the exposure, visibility and accessibility are important elements in the production of a space. In elucidating the existing relationships in these agroforestry systems, we bring to light the breadth of meanings that the practice of urban agriculture can bring to the environment, going far beyond the established primary functions.

Keywords: Space, Agroforest, Function, agriculture, urban



Introdução

Os espaços públicos são o grande cenário da vida urbana, neles somos tanto atores quanto espectadores concomitantemente. Nesse espetáculo improvisado que é a vida urbana (Gomes, 2013), temos cenários atípicos que assim despertam atenção de seus transeuntes, dentre esses se encontram as agroflorestas urbanas. No campus da cidade universitária da ilha do fundão, UFRJ, vemos o quanto esses espaços ganham visibilidade em detrimento de outros e como isso produz um novo lugar (Tuan, 1977), com novos usos, grupos, funções e significados. As agroflorestas estudadas estão em estágios da sucessão ecológica distintas e com ações sobre o espaço muito próximas, mas uma adesão dessemelhante. Nessa análise buscamos expor o que há além das atividades agroecológicas nesses espaços, procuramos dar visibilidade ao produto espacial que se deu com presença desses sistemas e tentar responder o por que desses espaços terem um alcance tão amplo. Sendo notável a importância e escala de atuação desses espaços para a ideia de extensão universitária, propagando os ideais agroecológicos para além da ilha do fundão, verificando-se constantes trocas entre o exterior e o interior. O presente trabalho expõem os usos, motivos e intenções dos atores dessas SAFs e tentando explicar o por que delas serem escolhidas como palco desses grupos.



Imagem mostrando os recortes estudados
(Fonte: Imagem retirada do google Earth no dia 10/06)



Material e Métodos

Para o presente artigo, foram entrevistados membros do projeto MUDA, Espaço Viva Geomata, funcionários e visitantes que frequentam esses sistemas agroflorestais (SAFs) durante o período de Janeiro à Abril de 2017. Além de visitas em diferentes horários e dias às áreas abordadas. Foram revisados artigos produzidos pelo projeto de extensão MUDA para uma melhor compreensão da dinâmica do recorte abordado. Além de uma mais embasada discussão acerca da produção espacial. Sempre usando as categorias de análise do espaço de Santos (1985) que segundo ele são, forma, função, processo e estrutura. Indo do visual ao relacional.

Desde 2009 o grupo MUDA vem construindo e acumulando conhecimento em Agroecologia e Permacultura, seus temas gerais de interesse (OLIVEIRA, et al, 2013), a caracterização do LaVAPer como Centro de Tecnologias Sociais se dá pela interação dos pilares ensino, pesquisa e extensão em um local aberto à interações com o público em geral (alunos, professores, funcionários, moradores do entorno e demais visitantes). A ideia do Laboratório Vivo de Agroecologia e Permacultura possui o diferencial de não se restringir apenas ao acesso de estudantes e professores cadastrados, já que não possui nenhum tipo de barreira que restrinja o seu acesso pela comunidade local (Lima, et al, 2016). Dados reafirmados na entrevista com Tomé Almeida, importante membro do projeto MUDA, em que ele relata o manejo do SAF por todos os segmentos da universidade além de visitantes exteriores.

“É atualmente frequentado por um público diversificado, incluindo graduandos e professores de diversos cursos, funcionários públicos e terceirizados, estudantes do ensino básico, crianças e adultos de comunidades próximas, produtores agrícolas e integrantes das redes de agroecologia do município, do estado e de todo Brasil. A diversidade de indivíduos, áreas de estudo, faixas etárias e segmentos sociais que se encontram nesse espaço proporciona um compartilhamento de experiências de grande potencial transformador.” (Lima, et al, 2016).

Dentro do âmbito acadêmico encontramos de estudantes (52 alunos de graduação e pós) à professores (3 pessoas), incluindo técnicos administrativos (4 pessoas) e terceirizados (17); de exteriores à universidade temos pessoas em situação de rua (1 pessoa) e moradores do complexo da maré (5 crianças entre 10-14 anos). Uma verdadeira pluralidade, ratificada nas visitas, quando nos deparamos com grupos de alunos, normalmente no turno da tarde e durante o período letivo; grupos de funcionários terceirizados que se encontram antes do trabalho (8:00-10:00), durante o intervalo de almoço



(12:00-14:00) e fim de expediente (Entre 17:00-18:00) ao longo de todo o ano; além dos visitantes aperiódicos que são vistos em praticamente todos os horários. Pessoas de faixas etárias (variando dos 10 anos até 60 anos de idade), grupos sociais diferentes e propósitos similares sobre o espaço. O lazer dentre todas as práticas observadas, foi a convergência de interesses sobre o espaço nesses distintos grupos que ali se fixam. Um fenômeno muito parecido com o que observamos em maior escala nas praias cariocas, onde os mais diversos grupos sociais são vistos dividindo espaço e com praticas/objetivos similares. "Essa dialética entre conhecimentos científico e empírico, este último fruto das vivências de indivíduos e coletividades, tem para a Universidade um valor inestimável, uma vez que se trata de uma produção de conhecimento inovadora" (Lima, et al,2016). Como também colocado "É algo que implica numa revolução epistemológica no seio da universidade (Santos, 2004). Ainda de acordo com Santos (2004) está troca obriga o conhecimento científico a se confrontar com outros conhecimentos".

Figura 1 — Imagem mostrando as vias de acesso do LaVAPer (marcado com bolas) e Geomata (Listras), através da Rua Lobo Carneiro. Mostrando a proporcionalidade de suas respectivas dimensões. Imagens retiradas do google earth. Enquanto o Projeto Viva Mata, estando com sua SAF à menos 100 metros do Lava-pé, não conta com uma pluralidade tão grande de grupos. Os grandes atores desse sistema são os funcionários do Setor de Manutenção do Instituto de Geociências que manejam junto aos membros do projeto, seguindo ideais da permacultura, tendo entre eles, Sr. Evaldo (Equipe da marcenaria), um senhor que dedicou grande parte da sua vida produtiva ao espaço e construiu um exemplo de sistema agroflorestal com grande paisagismo aplicado.

As atividades desempenhadas pelos dois projetos são muito similares, o grau de sucessão da ecológica se encontra mais desenvolvida na Geomata, o espaço consumido e em potencial de uso são maiores dentro desse sistema e mesmo assim é um meio com maior restrição de grupos atuantes. A malha urbana abastece as SAFs de forma isônoma, de forma que nos faz buscar o entendimento desse contraste na organização do espaço. Para Lefebvre (2008, p. 40), "a noção de espaço está relacionada com o espaço mental (percebido, concebido, representado) e o espaço social (construído, produzido, projetado, portanto, notadamente o espaço urbano), isto é, entre espaço da representação e a representação do espaço". Sob essa perspectiva vemos espaços totalmente distintos, enquanto o LaVAPer com sua morfologia aberta, sem grades, atrai diversos grupos periféricos, extendendo o conhecimento acadêmico. A geomata se encontra "fechada", com o único acesso através de uma porta do serviço de ma-



nutrição por conta de grades colocadas na última década, burocracias limitam sua expositividade, seu regime de visibilidade (GOMES, 2013) e assim escala de atuação do espaço.

A geomata tem 5 portões, sendo um aberto, com horário de 7:30-16:00. Mesmo sendo um espaço público e que não vai oferecer barreiras a visitantes externos, ele não é exposto. Sua forma não favorece a existência de outras funções, processos e assim a estrutura não é a mesma que se tem com o LaVAPer. O que não exclui a individualidade desse belo espaço vivências. Graças ao trabalho paisagístico do Sr. Evaldo e a Equipe de marcenaria, o espaço tem diversas áreas de lazer, verdadeiras praças públicas, (que perdem sua essência ao estarem em lugares tão acobertados) praças verdes com bancos, balanços, lagos, diversidade biológica e ainda dando empirismo aos ideais da permacultura ao usar, muitas vezes, materiais que antes seriam descartados. Essa composição espacial, se torna harmônica e conquista os poucos que o descobrem. Nas visitas feitas, foi observado majoritariamente grupos de funcionários, principalmente do setor de limpeza, frequentando, usufruindo e produzindo o espaço. Com grande frequência, os mesmos pequenos grupos se fazem presentes com diversas atividades ligadas ao lazer e quando perguntados, dizem escolhe-lo pela calma(- Grande contraste com os arredores com rodovias e cor cinzenta). Um espaço desfrutado majoritariamente por apenas 3 grupos no dia-a-dia; Alunos do projeto, funcionários terceirizados (hegemonicamente moradores do Complexo da Maré) e funcionários da manutenção junto à marcenaria. O que mostra uma consonância de atividades atreladas ao espaço nos dois projetos (Muda e Viva Mata), os dois recortes são escolhidos entre tantos outros como área de lazer. Esse carisma do espaço, mostra o potencial de expansão de trocas desses espaços com sua área periférica.

No espaço da geomata foram abordadas 42 pessoas com o objetivo de conhecer seu vínculo com o espaço. Dentre essas 42 pessoas abordadas; 9 são vinculadas ao projeto e veem o espaço como locus do seu contato com alimento, além do uso como área de lazer; 12 são vinculados ao setor de manutenção do Instituto de Geociências, são muito ativos na produção do espaço, tem idade entre 50-70 anos e concebem como uma área onde suas ações tem frutos terapêuticos para si, uma forma de terapia ocupacional nesse contato com a terra, além ser uma área de lazer nas horas vagas; por fim, grupos de estudantes curiosos (9 pessoas) com o espaço existente nos fundos do prédio; 8 funcionários terceirizados da limpeza que usufruem do espaço exclusivamente como área de lazer em suas horas vagas pós almoço e pós expediente; e 3 amigos de funcionários que tem simpatia pela ideia de cultivo, tem conhecimento da existência



desse imenso espaço verde urbano e por isso o frequenta. Em todos os casos, observamos relações fixadas nesse espaço por conta da existência dessa SAF, seu arranjo e publicidade.

Resultados e Discussão

Percebemos que esses espaços sociais produzidos e desfrutados, são o locus das relações de trocas de conhecimentos ligados à agroecologia em seus Centros (CCMN, CT). Essas SAFs (LaVAPer, Geomata) eram espaços inutilizados que com essa composição verde sendo implementada foram ganhando apropriações, um verdadeiro balé do lugar (Seamon, 2013), onde as funções (principalmente ligadas ao lazer) antes atribuídas à lugares periféricos são alocadas sem esforço nesse espaço.

Carregando um espaço, antes neutro, de valores, símbolos e relações. Expondo a possibilidade das trocas de informações agroecológicas aumentarem exponencialmente através desses espaços, com as SAFs sendo o palco dessa rede. Começando pelo arranjo morfológico (forma), as funções do espaço e a estrutura junto aos processos que ali ocorrem, o evidenciado é um espaço social com grande competência de cumprir as convicções da extensão acadêmica.

Dentro desses espaços de vivências agroecológicas, foram observadas diversas atividades sendo implementadas, desde manejo da terra, até como lugar para dormir pela noite. Atividades que na grande maioria das vezes implicam em um diálogo, não só com os atores desse espaço ou com o espaço, trocas marcadas pelo viés agroecológico que permeia aquele lugar. Esses sistemas tem potencial de transmitir seus valores pelo espaço, já transformado e concebido pelos seus atores, como lugar (TUAN, 1983) (vivido, simbólico, sentido). Os Resultados externam a competência desses espaços para a extensão do conhecimento tradicional, agroecológico e também abre o questionamento de como a publicidade (tornar público) e as políticas sobre deles são o maior empecilho para a divulgação e expansão de sua ação.

Conclusão

As políticas sobre o espaço, junto à sua forma, refletem o dinamismo e significados que serão atribuídos ao solo. Evidenciando divergências nos dois recortes estudados, entretanto o mais perceptível são as semelhanças. As funções fixadas são muito semelhantes mesmo atingindo grupos diferentes, funções essas que foram designadas à esses espaços como consequência das atividades agroecológicas ali presentes. Por fim, concluiu-se que as SAFs atraem uma pluralidade de indivíduos principalmente pelo seu contraste com o meio urbano e assim conseguem uma maior e espontânea troca



com o meio externo, trazendo novos atores, à priori para lazer e que por fim, estão atrelados à atividades ligadas à terra. Espaços com novas funções, valores e escalas de alcance devido às escolhas e ações sobre ele. Quanto maior a visibilidade desses espaços, maiores são suas trocas e a extensão de conhecimento.

Agradecimentos

Aos projetos agroecológicos MUDA e Viva Mata que estiveram disponíveis todo o tempo para o autor.

Referencias Bibliográficas

GOMES, Paulo Cesar Da Costa. Lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

LEFEBVRE, Henri. Des contradictions de l'espace a l'espacedifférentiel. In: _____.

La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Antropos, 2000. p. 407-460.

LIMA, T. D. A. E. et al. Centro de Tecnologias Sociais: Projeto de Extensão MUDA - Mutirão de Agroecologia UFRJ, ENEDS- Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social, [S.L], ago. 2016.

OLIVEIRA, Lara Angelo; LIMA, Tomé de Almeida; CHIABI, Lucas; FIRMO, Heloisa Teixeira; KAZAY, Daniel Firmo. Histórico e impacto do grupo MUDA na Engenharia Ambiental da UFRJ. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov.2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Fórum Social Mundial: manual de uso.Madison, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf>>.

Acesso em 13/04/2016..

SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SEAMON, D. Corpo-Sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. Geograficidade, vol. 3, nº 2, p. 4-18, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.